

A REALIDADE DO ALUNO QUE SOFRE BULLYING CONSTANTE NA ESCOLA: ANÁLISE COM ALUNOS DO 2º E 3º ANOS DO FUNDAMENTAL

Luciana Cavalcante Rodrigues¹
Emanuele Ketly Freitas da Silva²
Antonia Kátia Soares Maciel³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo averiguar o contexto em que o aluno que sofre *bullying* está inserido; compreender se o aluno consegue identificar que está sofrendo *bullying*; e verificar a percepção dos alunos que sofrem *bullying* sobre as intervenções do meio escolar. Da mesma forma, ter uma melhor compreensão sobre como os mesmos se sentem ao sofrer essas agressões. É imprescindível que relatarmos sobre esse tema pois essa é uma realidade constante nas escolas. O trabalho foi realizado como uma entrevista em uma escola pública da rede municipal de ensino, situada em Fortaleza – CE, com seis alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental. A pesquisa possui abordagem qualitativa do tipo estudo de caso e exploratória (PRODANOV E FREITAS, 2013). Os autores que versam a fundamentação dessa pesquisa foram: Fante (2005); Heller (1972); Vygotsky (1988) e outros. Conclui-se que a maioria dos alunos não consegue falar com ninguém sobre os casos ocorridos e que o *bullying* afeta a vontade de ir à escola, assim como influencia diretamente com as emoções dos alunos. Os professores que atuam diretamente nesses casos realizando intervenções, são suficientes para sanar grande parte dessas situações. Assim, sabe-se que essa é uma ação de conscientização contra o *bullying* e que deve ser realizada com a escola como um todo e também as famílias dos alunos.

Palavras-chave: *Bullying*, Intervenção, Professores.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre *bullying* teve início com a investigação de Olweus em meados dos anos 70 na Noruega e Suécia. Essa pesquisa foi realizada com aproximadamente 80.000 estudantes de escolas primárias e secundárias. O *bullying* é um comportamento agressivo e intencional, e tem como objetivo principal de fazer mal e magoar alguém gratuitamente. Esses estudos foram repetidos ao longo do tempo com a intenção de realizar essas mesmas análises, e em todos eles foi possível constatar que essas agressões são sim presentes na escola e acontecem de formas cruéis (CHAPELL et al., 2004; DEHAAN, 1997; OLWEUS, 1994). Também é essencial entendermos que a maior parte das vezes estes comportamentos agressivos partem da pessoa que oprime sem ter havido previamente provocações da vítima (HARRIS E PETRIE, 2002).

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Cearense – FaC, lucianacr93@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Cearense – FaC, manuelaketly@gmail.com;

³ Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC, katiassoaresmaciel@gmail.com.

Acredita-se que o *bullying* seja um dos fatores que mais afetam as crianças e adolescentes emocionalmente dentro desse espaço escolar, assim como o professor também tem atuação direta nesses casos, podendo intervir e buscar meios de informar os perigos que o *bullying* apresenta.

Este artigo aborda a temática da realidade do aluno que sofre *bullying* no ambiente escolar, com a finalidade de relatar para os leitores a importância dessa temática para a vivência no cotidiano escolar. O *bullying* ocorre em vários contextos de interação entre indivíduos (SALMIVALLI et al, 1996) e pode envolver as crianças de diferentes maneiras, fazendo com que essas assumam papéis diferenciados em relação à postura adotada perante este fato. Assim, surgem muitos papéis de participação no *bullying* escolar, dentre os quais há as vítimas, os agressores, as vítimas-agressoras e os espectadores. Dentre esses papéis de participação, existe o meio escolar, no qual onde essas situações acontecem.

O questionamento principal deste estudo foi: o *bullying* está sendo efetivamente combatido na escola? Como de fato essa criança se sente? Esta temática é relevante, pois a análise sobre a fala dos envolvidos nessas questões na escola, local de construção constante do indivíduo, é preciso que ocorra de forma construtiva e sem traumas.

Neste sentido, o objetivo geral foi – analisar as ações e reações de crianças que sofrem *bullying* constante na escola. Já os específicos foram averiguar o contexto em que o aluno que sofre *bullying* está inserido; compreender se o aluno consegue identificar que está sofrendo *bullying*; e verificar a percepção dos alunos que sofrem *bullying* sobre as intervenções do meio escolar.

Para podermos compreender como essa criança se sente e como acontece esse processo da percepção da mesma sobre o que está ocorrendo no momento em que a mesma está sofrendo o *bullying*, Fante (2005) define *bullying* como: um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. São exemplos de expressões que representam *bullying*: insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento *bullying*.

A pesquisa foi realizada com 6 alunos do ensino fundamental e possui abordagem qualitativa para obter as informações desejadas, utilizando um questionário de cinco perguntas abertas, onde os indivíduos conseguem se expressar de forma mais clara e honesta a

respeito do que sentem e do que percebem sobre o posicionamento de seus professores. (PRODANOV E FREITAS, 2013).

A relevância desta pesquisa tem o intuito de promover informações aos leitores e relatar a importância de tratar temas sobre o *bullying* no ambiente escolar, dar mais importância para essa temática, na qual haja uma conscientização de todos que estão inseridos no meio educacional.

REVISÃO DA LITERATURA

O comportamento de hostilidade entre estudantes é um problema que infelizmente existe há muito tempo e não é nenhuma surpresa que exista em muitas escolas. Esse tipo de atitude entre alunos é erroneamente admitido como natural e frequentemente ignorado ou não valorizado por alguns adultos e instituições responsáveis, claro que não podemos generalizar, mas infelizmente, esse é um fato que ainda acontece nos dias de hoje.

A sala de aula deveria ser um lugar de aprendizagem e interação, mas nem sempre é só isso que acontece, de acordo com Fante (2005), muitas vezes, de forma mascarada as brincadeiras tornam-se ofensas e humilhações, quando algo que deveria ser leve modifica-se e passa a ter a intenção de magoar ou ferir, o *bullying* entra em cena.

Fatores sociais e culturais certamente têm influência sob esse comportamento de alguns alunos. Também se considera as influências familiares, temperamento, condições psicológicas e influências de amigos, da escola e da comunidade. No caso de escolas públicas, nem sempre o aluno e a família têm a orientação correta sobre o que fazer ou a quem procurar em situações como essas. Para Costa (2011) as práticas *de bullying* devem ser combatidas com medidas socioeducativas, com o intuito de prevenir as práticas de *bullying*, como por exemplo, programas educacionais, como palestras e debates, nas escolas, bem como distribuição de cartilhas de orientação aos pais, alunos e professores, entre outras iniciativas.

A escola deve ser um lugar de educação e bem-estar para todos que ali estão, sabemos disso porque é função dessas instituições promover educação e cidadania. Quando essa realidade passa ser algo destrutivo para alguns, é a hora de repensarmos sobre nossa educação e quais medidas devem ser tomadas para mudarmos essa realidade. Medidas essas de promover o respeito e a conscientização de valores e igualdade entre os alunos.

O *bullying* é muitas vezes é cometido por pessoas preconceituosas com relação as diferenças de cada um. Os estereótipos muitas vezes são exigidos para que uma pessoa possa

ser devidamente aceita em seu meio. Sobre a expressão do *bullying* com aspecto preconceituoso, considerando as especificidades dos indivíduos, Heller (1972) afirma que:

De duas maneiras chegamos a ultrageneralização característica de nosso pensamento e de nosso comportamento cotidianos: por um lado, assumimos estereótipos, analogias e esquemas já elaborados; por outro, eles nos são ‘impingidos’ pelo meio em que crescemos e pode-se passar muito tempo até percebermos com atitude crítica esses esquemas recebidos, se é que chega a produzir-se tal atitude (HELLER, 1972, p. 44).

Com base nessas informações de Heller (1972), podemos concluir que há uma grande diferença entre o que um indivíduo é e se transforma, e aquilo que é exigido que o mesmo seja, isso significa que vivemos em uma sociedade de estereótipos e chega a ser uma violência quando alguém não está dentro de determinados padrões. É preciso educar para que isso cesse, a conscientização é um ótimo meio de reeducação e prevenção.

Faz-se necessário saber identificar cada tipo de agressão para que assim possa ser feito um trabalho mais assertivo e campanhas mais esclarecedoras sobre o tema em questão. Fante (2005) classifica os tipos de agressão para que os profissionais da educação possam melhor identificar cada uma delas e realizar trabalhos sobre o *bullying*, a saber: (a) física: bater, empurrar, perseguir, amedrontar; (b) verbal: insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos; (c) material: roubar, extorquir ou destruir os pertences da vítima; (d) psicológica e moral: humilhar, excluir, chantagear, intimidar, difamar; (e) sexual: abusar, violentar, assediar, insinuar; (f) virtual ou *ciberbullying*: a divulgação e/ou realização de agressões por meio de ferramentas tecnológicas – celulares, filmadoras, redes sociais da *internet*, *sites* de vídeos, e etc. Um melhor entendimento de cada tipo dessas agressões, facilita o combate ao *bullying* como um todo.

O conhecimento nos torna mais maduros para tomar ações e decisões, podemos refletir assim, que saber quais são essas violências e diferenciá-las uma das outras, pode dar um olhar mais atento em sala de aula, fazendo com que a percepção e sensibilidade para essas situações sejam ainda maiores, ampliando assim a possibilidade de estratégias para solucionar tais eventos, considerando que a convivência entre os alunos é diária.

A interação certamente é algo inevitável em um ambiente escolar, interagir também é algo natural do ser humano e de extrema importância no seu desenvolvimento. A escola por sua vez, tem o papel de formar indivíduos de bem para a sociedade. Segundo Vygotsky, Luria & Leontiev (1988) ela é a fonte de modelos para o desenvolvimento do indivíduo; sem ela não há aprendizagem. Essa mesma aprendizagem inclui a compreensão do que é ser um cidadão, a respeitar diferenças e também a cumprir determinadas regras de convivência. Se

isso não ocorre na sala de aula, esses casos de *bullying* podem aumentar drasticamente e fazer ainda mais vítimas em todo o mundo, ensinar o respeito e empatia é algo primordial.

METODOLOGIA

A abordagem que tem embasamento deste artigo é de origem qualitativa, que segundo Prodanov e Freitas (2013), é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político, econômico e etc.

A tipologia da pesquisa se caracteriza como de campo, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013), é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Obtendo base nos estudos descritos, esta pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal, localizada na cidade de Fortaleza-CE, na qual 6 indivíduos responderam um questionário contendo cinco perguntas abertas, que de acordo com Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “(...) como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Participaram desta pesquisa alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental, com idades entre 7 e 8 anos, dentre eles 4 meninos e 2 meninas.

O questionário foi aplicado em sala de aula, sendo duas turmas; uma do segundo ano e outra do terceiro ano, ambas do ensino fundamental. Foi concedida a permissão por parte da diretora para podermos adentrar nas salas. A estrutura da análise de dados teve como base o número de cada resposta obtida no questionário. Para que chegássemos até essas crianças que sofrem *bullying*, contamos com a ajuda das professoras que através de sua vivência em sala, conseguiram delimitar os sujeitos desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo foram obtidas por meio de um questionário respondido por alunos do ensino fundamental I, que sofriam *bullying* na escola, totalizando 6 alunos, sendo os participantes 1, 2 e 3 do 2º ano do Ensino Fundamental, aos quais denominaremos,

respectivamente de P1, P2 e P3. Já os participantes 4, 5, e 6 cursam o 3º ano do ensino fundamental.

Assim, apresentamos o quadro a seguir contendo as categorias de análises analisadas, a saber: (a) Sentimento de exclusão pelos colegas; (b) Consequências do *bullying* – ida a escola; (c) Sentimento em relação à escuta de expressões maldosas – *bullying*; (d) Presença de diálogo em relação a sofrer *bullying* e (e) Percepção sobre as intervenções da escola diante da prática do *bullying*.

Quadro 1 – Categorias de análises e respostas dos participantes

CATEGORIAS DE ANÁLISES	RESPOSTA DOS PARTICIPANTES					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Sentimento de exclusão pelos colegas	Na hora do recreio	Na hora do recreio	Na sala quando vou falar com eles	Na hora da atividade	Quando eu quero brincar com eles, e eles não querem	Brincando, quando eles me chamam de gordo
Consequências do <i>bullying</i> – ida a escola	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Sentimento em relação à escuta de expressões maldosas - <i>bullying</i>	Tristeza	Tristeza	Raiva	Raiva	Raiva	Raiva
Presença de diálogo em relação a sofrer <i>bullying</i>	Não	Não	Guardo só pra mim	Para a professora	Professor a	Conto para um amigo
Percepção sobre as intervenções da escola diante da prática do <i>bullying</i>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Da pesquisa.

Ao serem perguntados se sentem excluídos dos seus colegas, os participantes P1 e P2 alegaram “Na hora do recreio”, o número P3 relatou que “Na sala quando vou falar com eles”, o número P4 descreve: “Na hora da atividade”, os alunos P5 e P6 contam “Na brincadeira”.

É notório que os indivíduos são desolados por seus companheiros de classe, causando um mal-estar no cotidiano dessas crianças em que são excluídas por seus colegas de turma. Fante (2005), muitas vezes, de forma mascarada as brincadeiras tornam-se ofensas e

humilhações, quando algo que deveria ser leve modifica-se e passa a ter a intenção de magoar ou ferir, o *bullying* entra em cena.

Questionados se o *bullying* afetava a vontade de ir à escola, os participantes P1, P2, P3 e P4 responderam que sim e o P5 e P6 que não. Podemos relatar que o local onde você não é bem recebido não causa entusiasmo em estar naquele ambiente, acarretando para o mesmo desânimo em continuar indo as aulas. Fante (2005) afirma que o *bullying* causa dor, angústia e sofrimento, levando os alunos que sofrem esse tipo de comportamento à exclusão. Esse misto de sentimentos é o que se torna nocivo ao desenvolvimento e a estrutura emocional dessas crianças, que se não forem devidamente ouvidas, poderão levar essa angústia para vários aspectos da sua vida.

Quando chega o respectivo momento de responder sobre seus sentimentos ao ouvir comentários maldosos, os participantes P1 e P2 sentem tristeza, e os indivíduos P3, P4, P5 e P6 responderam raiva. Podemos obter uma percepção que o *bullying* gera um desconforto para a vítima, na qual pode desencadear atos de violência. O efeito que o *bullying* causa aos indivíduos é devastador, este fenômeno vem arrastando vítimas em larga escala, fazendo-nos relembrar de um dos mais famosos casos a nível internacional, como, por exemplo o caso ocorrido em 1999, no qual dois adolescentes, de 17 e 18 anos, provocaram a tragédia de Columbine, Colorado, nos Estados Unidos da América, quando, com explosivos e armas de fogo, assassinaram doze companheiros, um professor e deixaram centenas de feridos, suicidando-se em seguida. (FANTE, 2005)

Referente a quarta categoria de análise, sobre o diálogo que as vítimas do *bullying* tecem com outros indivíduos na escola os participantes P1 e P2 não conversam com ninguém, o número P3 guarda só para si, o P4 e P5 para a professora e o P6 para um amigo. É perceptível que a metade das vítimas não consegue relatar os abusos sofridos para a família, é necessário uma atenção a mais em sala de aula, para que possa ser revertido as consequências e traumas do *bullying* que essa criança pode obter no decorrer de sua vida.

Silva (2010), afirma que frequentemente encontram-se isoladas ou perto de alguém que possa protegê-las (inspetor de alunos), isto no intervalo, apresentam postura retraída na sala de aula, dificuldade de perguntar algo na frente dos outros alunos, faltas frequentes, insegurança, ansiedade, são tristes, deprimidas, aflitas, em geral, são as últimas a serem escolhidas para atividades em grupo; acabam perdendo o interesse por atividades escolares, perdem materiais, e, em casos mais complicados, podem apresentar hematomas.

Esse isolamento ocorre justamente pelo medo da rejeição dos colegas e também pelo medo de serem julgados. Estar mais próximo ao professor é muitas vezes uma alternativa para

que os mesmos sintam-se seguros e menos excluídos. A percepção do comportamento dessas crianças é fundamental para que seja possível um diálogo entre escola e família, para que dessa forma a mesma possa ser melhor amparada e se sinta confortável também para falar sobre situações e suas emoções.

Na quinta e última categoria, em relação a percepção dos participantes quanto ao questionamento se percebiam alguma ação da escola ou professores referente quando acontece o *bullying*, todos os envolvidos responderam de forma positiva. É indiscutível que há uma preocupação da escola em agir quando o assunto é referente ao *bullying*.

Para La Taille (2003) é preciso deixar claro aos alunos no contexto da escola e a sociedade de um modo geral, que a finalidade da escola é a preparação dos seus alunos para a cidadania. Apesar de situações que representam o *bullying* no contexto escolar ainda ocorrerem por diversos fatores, preocupações do professor e escola de maneira geral configurando-se como um avanço no combate à exclusão e discriminação na sala de aula.

Podemos chegar à conclusão de que o *bullying* ainda está bastante presente no meio educacional, onde se percebe que não há uma intervenção para aqueles que praticam esse tipo de comportamento, onde há alunos desolados e com sentimento de tristeza em que não encontram meios de sair dessa situação, há a necessidade de um aparato maior das escolas para a busca da intervenção contra o *bullying*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a experiência vivida através dessa pesquisa, foi possível perceber que o *bullying* apesar de hoje ser um assunto que é pautado na mídia e também trabalhado de forma mais consciente nas escolas, percebermos que o mesmo ainda é constante no âmbito educacional, ou seja, apesar de uma maior propagação do assunto, ainda temos essa realidade constante nas salas de aula. É preocupante sabermos disso, pois qualquer tipo de agressão e exclusão trás malefícios emocionais para as crianças. Crianças essas, que poderão se tornar adultos com traumas ou resquícios de más experiências na infância e levar isso por toda uma vida.

Por mais que as escolas estejam caminhando para um trabalho mais efetivo quanto ao *bullying*, é preciso muito mais para que aja a extinção ou redução em grande escala desses números alarmantes de alunos que passam por isso diariamente. É sabido que esses acontecimentos são comuns na escola, e por mais que exista uma ação dos professores e gestores, ainda é preciso mais conhecimento e táticas para a solução dessas questões.

A importância de um trabalho como esse, é aprofundar e dar ainda mais ênfase para uma problemática ainda tão viva no âmbito escolar. O cotidiano de uma criança que sofre *bullying* não é saudável, pois a mesma precisa de tranquilidade e de um ambiente favorável para poder desenvolver-se e aprender. Explorar essas questões é dar viabilidade a quem muitas vezes sofre em silêncio e não tem forças para pedir ajuda a quem quer que seja. Vale ressaltar que o medo pode reprimir qualquer indivíduo.

Não podemos deixar de continuar a pesquisar e a discutir sobre o *bullying*, pois essa é uma questão que fere indivíduos e também fere a escola, pois a mesma deve ser um lugar de paz e aprendizado. A continuidade e realização de novas análises são fundamentais para percebermos se progredimos ou não quanto a esse assunto, pois existem milhares de crianças e adolescentes que ainda não foram ouvidos, que ainda não foram vistos e que necessitam de um amparo quanto ao que tem vivido nas escolas, que pode ser perturbador e triste. Tenhamos consciência e vamos continuar a trabalhar em cima desse assunto que é tão antigo e atual ao mesmo tempo, para que em um futuro breve, essa questão possa ser mais amena e por fim, solucionada.

REFERÊNCIAS

COSTA, Y. F. da. **Bullying – Prática diabólica – Direito e educação**. Revista de Estudos Jurídicos UNESP, Franca, 2011.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HARRIS, S. & PETRIE, G. **A study of bullying in the middle school**. National Association of Secondary School Principals. NASSP Bulletin, 2002.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013

SALMIVALLI, C. et al. **Bullying as a group process: participant roles and their relations to socialstatus within the group**. Aggressive Behavior, v. 22, p. 1-15, 1996.

SILVA, A. B. B. **Bullying, mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LA TAILLE, Y. de. **Limites e educação**. São Paulo: Psicologia Brasil, 2003

OLWEUS, D. (1994). **Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program.** *Journal of Psychology and Psychiatry*, 43(7), 1171-1190.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo: Ícone-Ed. USP, 1988.